

Gustavo Leite Sobral¹

Juliana Bulhões Alberto Dantas²

Resumo: Rachel de Queiroz se considerava essencialmente jornalista e, durante toda a vida, escreveu crônicas para jornais e para a revista semanal *O Cruzeiro*. A partir da leitura de seus escritos, é possível identificar na página do jornal diário a crônica como parte de um sistema, resultado de uma comunicação midiática e, portanto, instância de produção de sentido. Nesse contexto, apresentamos uma compilação de temas tratados em suas crônicas (QUEIROZ, 1963, 1976, 1993, 1994, 1995, 1999, 2006).

Palavras-chave: Jornalismo; literatura; crônica; Rachel de Queiroz.

Abstract: Rachel de Queiroz considered herself essentially a journalist and, throughout her life, wrote chronicles for newspapers and for the weekly magazine *O Cruzeiro*. From the reading of his writings, it is possible to identify in the page of the daily newspaper the chronicle as part of a system, the result of a mediatic communication and, therefore, instance of production of meaning. In this context, we present a compilation of themes treated in their chronicles (QUEIROZ, 1963, 1976, 1993, 1994, 1995, 1999, 2006).

Keywords: Journalism; literature; chronic; Rachel de Queiroz.



Introdução

Rachel de Queiroz se considerava essencialmente jornalista e, durante toda a vida, escreveu crônicas para jornais e para a revista semanal *O Cruzeiro*, conforme abordamos em pesquisas anteriores (SOBRAL; BULHÕES, 2016). A partir da leitura de seus escritos, é possível identificar na página do jornal diário a crônica como parte de um sistema, resultado de uma comunicação midiática e, portanto, instância de produção de sentido.

¹Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: gustavosobral1041@gmail.com

²Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília e mestra em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: julianabulhoes.ad@gmail.com

Embora não haja ainda estudos que se debrucem sobre as crônicas de Rachel de Queiroz, a proposta deste trabalho é procurar revelar o conteúdo simbólico que encerram em si. São registros memorialísticos? Revelam aspectos da história, política, sociedade, transformações urbanas? Demonstram questões autobiográficas?

Este novo olhar sobre a crônica, portanto, procurará demonstrar seu valor como texto cultural de uma sociedade, procurando revelar que singularidades individuais e que aspectos da vida social foram construídos como conteúdo simbólico. Assim, tratamos neste texto de uma compilação dos principais temas tratados nas crônicas de Rachel de Queiroz escritas entre os anos 1940 e os anos 2000, reunidas em sete livros publicados (QUEIROZ, 1963, 1976, 1993, 1994, 1995, 1999, 2006), compreendendo cerca de sessenta anos de atividade da jornalista escritora.

Crônica e jornalismo

A crônica é um misto de gêneros. Equilibra o que está em cena, o jornalismo quente (um fato do cotidiano), com a análise dos objetos culturais consagrados, sobretudo, quando permite uma releitura. É atividade exclusiva do cronista.

Elcias Lustosa (1996) aponta que a especialização do trabalho jornalístico é resultado da divisão do trabalho dentro das redações a partir das reformas implementadas nos grandes veículos de circulação nacional, como o *Jornal do Brasil*, tomando por modelo a sistemática do jornalismo norte-americano em criar departamentos nas redações, as chamadas editorias especializadas, responsáveis por cobrir áreas ou setores específicos, sob o comando de uma redação central, representada pela figura do editor-chefe.

Um veículo pode contar com quantas editorias quiser, confor-

me suas áreas de cobertura. As tradicionais são: geral, política, economia, esportes e cultura. Em algumas redações, cinge-se na figura do redator final, responsável pela uniformização das notícias produzidas, imprimir a linguagem do jornal. O cronista é sempre um colaborador e a crônica, neste sistema, orbita à margem destas editoriais, invadindo os seus espaços.

A crônica também é fruto da modernização dos jornais, que resultou também em uma renovação tecnológica e estilística trouxe um novo padrão para o jornalismo brasileiro, próximo do modelo norte-americano. Os jornais abandonam os afamados “artigos de fundo”, transformando-os na crônica e abraçaram as pautas pré-determinadas e o modelo do lide. As reformas instituíram a Era da notícia objetiva, direta, impessoal.

O jornal-empresa descobriu novos artifícios para atrair os leitores: folhetins, quadrinhos e horóscopos, multiplicando a oferta de produtos jornalísticos. No entanto, a notícia continuou sendo a matéria-prima principal, conformando-se a padrões industriais através da técnica de produção, de restrições do código linguístico e de uma estrutura relativamente estável.

A crônica, fruto deste novo jornalismo, também passou a obedecer às regras do modelo e o cronista não deixou de ser um produtor de conteúdo que deveria respeitar as mesmas normas e regras impostas, limite de espaço na página do jornal, confecção de um título para a crônica, e deadline das redações.

Se há uma padronização na forma e uma diversidade no conteúdo na notícia, não diferente é o que se pode verificar na crônica. O fato é único, a forma de narrá-lo tem amarras, como o lide, mas não deve perder de vista que há um componente há mais que é a ideologia do repórter e do jornal, que vem expressa na linguagem da matéria. Tornou-se imperativo ao jornalismo superar o texto meramente



informativo, e a crônica se institui com esta pretensão.

Outra exigência, não é a que se faz ao cronista, que ao se debruçar sobre o cotidiano o faz em perspectiva e impõe com a presença de seu ponto de vista um juízo crítico sobre a realidade. No entanto, o cronista vive o paradoxo: ao mesmo tempo em que deve respeitar as normas instituídas para a preparação do texto, é ele o transgressor da língua que impõe inovações estilísticas e narrativas nos jornais.

Nilson Lage (2001) aponta que o texto jornalístico caminha entre o formal e o coloquial. Ao tecer considerações sobre o formal o comparará com a linguagem dos relatórios: a diferença básica reside no fato desta última (a cartorial), além de ser específica, tem um formato próprio. Considera a linguagem jornalística uma linguagem em movimento e que, por isso, se submete constantemente à renovação e à crítica.

A crônica oferece um caráter transgressor, seu papel é de inovação nos jornais. Foi a crônica que abriu os caminhos para as inovações no texto jornalístico. Ao absorver todas estas regras e/ou desrespeitá-las, fundou-se como o espaço para o exercício da transgressão e da liberdade no jornalismo e para o estabelecimento do texto autoral.

Em que pesem as notícias, muitas vezes, não terem a marca da autoria, as reportagens assumiram tão logo a assinatura do autor, a crônica que fundou estes caminhos fez o mesmo, passou do uso do pseudônimo para a fixação do nome do autor como a sua marca de personalismo aceitando a subjetividade como um elemento às claras para o leitor.

José Marques de Melo (1996) classifica jornalismo informativo, a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista; e jornalismo opinativo: o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a

caricatura e a carta. No entanto, Manuel Chaparro (2008) se propõe pensar o jornalismo para além desta divisão demarcada.

Chaparro (2008) identifica a diversidade em que o jornalismo se expõe, com gêneros mais fortalecidos, como a reportagem, e a diversificação destes gêneros em subespécies. Os gêneros não são formas transparentes, com características próprias, imutáveis e de fácil identificação e classificação. A expressão do jornalismo é múltipla, o gênero não é puro e inalterável em suas disposições.

A crônica pelo jornal se tornou o gênero brasileiro, nas mãos, sobretudo, nos anos 1950 e 1960, de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Rubem Braga, Fernando Sabino, entre outros. A crônica é reconhecida hoje como gênero literário e jornalístico, é considerada, portanto, na fronteira entre a literatura e o jornalismo.

O princípio básico da crônica é registrar o circunstancial. A crônica não apenas está entre o jornalismo e a literatura, mas resulta da soma desta e daquela em tudo que lhe é pertinente. Jornalismo, porque seu espaço de publicação é o jornal, e dele herda a precariedade de ser efêmera e de consumo único e diário com a edição do dia, por isso, também, transitória. Toma do texto do jornal a coloquialidade, e do texto da literatura o lirismo.

A liberdade e o descompromisso são a marca da crônica. Se um texto é essencialmente jornalístico, tem a função de informar; e informar não é a finalidade primeira da crônica. A crônica pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é um exercício de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, cotidiano. Tudo pode ser objeto de uma crônica. A crônica é relato sobre o cotidiano, leve, sem rigor, sem método.

Seja dos fatos ocorridos, impressões, ou temas em discussão no momento, a crônica contribui com uma margem ampla de trabalho e investigação em que todos os aspectos relacionados podem ser

encontrados como resultado de um processo de construção simbólica da realidade. Para um estudo da crônica para além do seu caráter literário e, sim, invocando os seus aspectos simbólicos e de produção de sentido, tendo em vista ser um produto jornalístico, e fruto de um processo de comunicação.

A crônica é uma matéria que, relegada ao título de literatura, e literatura menor, não tem visibilidade no campo jornalístico como matéria de primeira relevância por reunir na sua configuração todos os aspectos primos que o formam, quais sejam, a presença de um fato transcrito pela luz e voz da subjetividade do cronista que podem revelar aspectos culturais e simbólicos que afirmam a sua importância para além do corriqueiro e do diário, a que está relegado o jornal.

A própria definição da crônica é puramente técnica e empírica, lançada pelos cronistas que expurgam nela o modo de fazer do ofício ou a dificuldade de exercê-lo. Vinicius de Moraes foi um deles. Dedicará duas crônicas a esse tema, e com o mesmo título “O exercício da crônica” (MORAES, 2009), fazendo graça e forçando um falso drama dirá o quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem. O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o deadline se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação.

A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, reportagens e editoriais, está sujeita ao fator tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão. Vinicius aconselha: o ideal é sempre ter uma crônica adiantada, ou duas, para evitar o suplício quando o tema não vem; para tão logo desconversar, corroborando para uma visão poética do ofício.

Moraes (2009) ensina que a crônica é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que ela assu-

miu de ser livre, casual e lírica. Segundo Jorge de Sá (1985), o jornalista João do Rio foi quem trouxe para a crônica o caráter definitivo que assumiu até os dias atuais. João do Rio era fruto da crescente circulação dos jornais no começo do século XX, da popularidade dos jornalistas e da sua capacidade de inventar um jornalismo em forma de crônica.

O marco inaugural desse gênero é o folhetim no século XIX. Antônio Cândido (1992) esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero.

A crônica conflui todos estes elementos o que faz dela expressão e representação. A presença da memória para a construção da autobiografia ficcional é a revelação ao mesmo tempo da história particular e coletiva, é o cunho da universalidade que está presente na matéria narrada (CÂNDIDO, 1992).

Além de permitir uma leitura comparativa e complementar confrontar o trabalho destes cronistas permite recuperar a história de um tempo a partir da soma de perspectivas. À crônica cabe a assertiva: "a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade" (CÂNDIDO, 1992, p. 56).

Jornalismo em crônica

A Rachel de Queiroz jornalista personifica as histórias que reporta em suas crônicas, como se, como fez Bandeira retirando um poema de uma nota de jornal, retirasse das notícias diárias suas crônicas. Carlos Seffrin, que assina as orelhas das crônicas escolhidas

(QUEIROZ, 2006), faz notar que nas crônicas de Raquel cabe de tudo, então elenca drama, comédia, desenho de circunstância, afirmação política, crítica mordaz, trecho de diário, crônica de costumes, memórias, folhetim, relato de sonho, poema em prosa e até romance.

Outra não é a forma que Rachel de Queiroz imprimiu no seu trabalho, de tudo um pouco, e esta junção de elementos que fazem da crônica um gênero híbrido e próprio. Lê-se nas crônicas de Rachel de Queiroz publicadas em *O Cruzeiro*, revista a qual era cronista exclusiva. Da sua colaboração para os jornais *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Última Hora* e *Jornal do Comércio*, fez o primeiro livro de crônicas *A donzela e a moura morta*, publicado em 1948.

Dez anos depois, em 1958, o segundo volume de crônicas, *100 crônicas escolhidas*, e outros vieram. Trajetória que a levou a declarar em entrevista: “eu tenho dito que me sinto mais jornalista do que ficcionista. Sempre. Na verdade, minha profissão é essa: jornalista. Há cinquenta e tantos anos que todas as semanas eu escrevo pelo menos um artigo” (QUEIROZ, 1997, p. 33).

Na observação do cotidiano, das pessoas, dos fatos, está sempre a presença daquele que vê, é a cronista, cujo registro também passa ser autobiográfico. Há a presença da cronista não só como depoente e narradora da crônica, mas também como personagem. O título da crônica é “Ceará” e foi publicada em março de 1944: “depois de mais de quatro anos de ausência, revi fortaleza, meu berço. (...) Quando em 1939 deixei o Ceará, a minha capital seguia o ritmo de marcha rápida das cidades provincianas” (QUEIROZ, 1999, p. 23).

Assim a cronista permanece na cena da crônica expondo seu reencontro com a terra natal e as suas impressões. Há o perfil das figuras do passado, como dona Chiquinha, Mr. David, professor de inglês, figuras como o palhaço Capote, tema de uma crônica, há o catalão que resgata do tempo da infância; a gente da cidade: um se-

nhor que encontra no bonde, um vigia noturno. Está é uma característica que a crônica assume no século XX.

A crônica contemporânea será construída juntamente com o jornalismo impresso dos jornais-empresa, em que o fator notícia é predominante e em que os fatos se distribuem em cadernos temáticos: cidades, política, economia, esportes, e até mesmo em páginas, como a afamada página policial, dedicadas aos crimes. A crônica é não só uma resposta a esta nova configuração do jornalismo, mas é também fruto da urbanização e da vida nas cidades. O bonde, o telefone, o comércio, os incidentes, os crimes, também estarão nas crônicas.

Casos policíescos de vingança e morte, típico das rixas de famílias sertanejas, como o narrado na crônica “A donzela e a moura torta” e em “Morreu o moço Jorge”. O Ceará será sempre matéria presente nos seus escritos e assim o universo do sertão, então desfilarão personagens da sua infância na fazenda o Junco, a gente de casa, como o compadre Antônio Muxió (assunto de uma crônica), figuras de jagunço, o tema das secas, os açudes, a fé na figura do Padre Cícero. Presenças marcantes nos escritos e nas memórias de Rachel de Queiroz.

A vocação da crônica de Rachel de Queiroz é autobiográfica quando trata dos sonhos que teve outra noite (um dos temas recorrentes) e com a chegada dos 50 anos (lá pelos anos 1960) é a velhice e os netos; outro ponto de predileção são as histórias de crime em que pesa em algumas delas um pouco de surrealismo, de fantástico, tipo das histórias de Trancoso, dos causos do sertanejo.

Rachel de Queiroz merece um estudo aprofundado desta produção para jornais e revistas. Há as memórias, gente de antigamente e suas vidas, um pequeno episódio do cotidiano faz lembrar as coisas da cidade como a volta dos bondes às ruas do Rio de Janeiro

(“Os Bondes”, 1975); carta do leitor que provocam a reflexões.

A crônica muda de tom como muda a vida, a cronista dos anos 1960 em diante já se considera a velha senhora que escreve “mulher de funcionário, tratei de também de cavar a vida num pequeno jornalismo e dando aulas particulares” (QUEIROZ, 1995, p. 164).

As crônicas do final dos anos 1950 (1957-1959) trazem o tema da guerra fria, as desilusões de uma funcionária do comércio, um elogio à figura humana do presidente norte-americano Lincoln, o Sputink no espaço. Todos os temas em voga no momento foram objeto de sua apreciação e reflexões: literatura do presente que é um retrato do passado em tempo real.

Rachel resolve descer às raias do estilo para falar afinal que sim, se mete mesmo a escrever umas histórias que são o sertão mesmo – diz que os de casa acabam de chamá-la de Guimarães Rosa, troça, alegando que ela segue o tema e a forma escrita dele – mas ela diz que nem é regionalista (tem horror ao termo, e é preciso dizer que regionalismo foi um nome que inventaram para taxar os autores que escreveram sobre sertão, Nordeste etc.): “essa linguagem que tento nos casos do sertão e mesmo nos casos de cidade pode representar, com efeito, procura de caminhos novos, mas à minha limitada maneira, não à dele” (QUEIROZ, 1994, p. 21).

E nestes mais de 20 anos de trabalho, ela vai dizendo, conseguiu uma linguagem que se aproxima da oral, “naturalmente no que a linguagem oral tem de original e espontâneo, e rico, e expressivo” (QUEIROZ, 1994, p. 21).

Noutra crônica “Os tempos eternos” põe em consideração a matéria do cronista. O ponto de partida é uma carta do leitor que reclama: por que os jornalistas fogem dos temas eternos? Tema eterno, leia-se é amor, morte, essas coisas.

E dita o que se é o assunto do cronista as efemeridades, quais

sejam, a vida urbana, reclames dos serviços públicos, os dramas do dia-a-dia etc., e que os temas eternos estão ai presentes sob outros ângulos, porque os temas da vida estão no cotidiano. Então aparece nos jornais (e na tevê) uma espuma no rio Tietê. E não é um tema eterno a ecologia?

Se hoje, Rachel de Queiroz escreve em setembro de 1975, data da crônica, a juventude só pensa em preservar, muito diferente era em 1930, quando só queria atacar e acabar com tudo, construir o novo, terreno para civilizar-se. Então, costura no terreno de suas meditações ali expressas que o progresso, isto tudo é para apontar esta lição, erguendo argumento a argumento.

Rachel sabe que é necessário com equilíbrio trazer um ponto de vista necessário para a questão em comento que, se noticiada pelos jornais, é tema de interesse do coletivo, da sociedade, e que não custa trazer alguma coisa a respeito, então dirá que o progresso é um fator que deve estar em equilíbrio com a manutenção do *status quo*, pois o que será e seria se tudo permanecesse intocável?

A mulher tem espaço recorrente em suas crônicas. A dura realidade da mulher do Nordeste que menina já começa a trabalhar, cuidando dos irmãos menores, assistindo nas tarefas de casa, trabalhando na lavoura, Raquel de Queiroz faz as suas crônicas reportagem de uma realidade que precisa ser vista. Outra se põe a contar um fato que aconteceu no sertão, ela em sua fazenda no Ceará passando temporada, vai explicando: “o fato que vou contar aconteceu ontem, 13 de maio de 1960, na minha fazenda Não Me Deixes, distrito de Daniel Queiroz, município de Quixadá, Ceará” (QUEIROZ, 1994, p. 29).

Apareceu um disco voador e a coisa foi vista por muita gente por lá. A revista *O Cruzeiro* entrevistou Rachel de Queiroz e fez também reportagem.

Há crônicas retiradas de notícia de jornal: “já não é a primeira

vez que leio nos jornais a notícia de que inúmeros agricultores belgas, ora desalojados do Congo, estavam interessados no Brasil” (QUEIROZ, 1994, p. 36).

Há tanto do ofício de repórter envolvido no trabalho de cronista, a apuração necessária para colher a matéria que faz com que Rachel de Queiroz declare volta e meia o método e sempre se trate por jornalista nos seus textos.

Escrevendo sobre as casas de farinha foi saber da alimentação dos moços que nela labutam e não se fez de rogada: “andei indagando como é a dieta deles” (QUEIROZ, 1994, p. 49).

Quando o tema da crônica é a mulher e as atividades domésticas, traz a mudanças dos tempos, sempre opondo o passado (o seu passado) aquele tempo presente em que escreve.

A mulher, escreve Rachel de Queiroz, não aprende mais a sequer pregar um botão, andou conversando numa roda de mocinhas e perguntou, poucas, só duas, em dez, sabiam esse rudimento da costura, tão útil, inclusive para aplacar os nervos em momento de tensão, bordar sempre foi uma distração para mulher, uma forma de meditação, aponta Rachel.

Seja aqui ou nos Estados Unidos, cuja indústria trouxe para a mulher americana toda sorte de equipamentos modernos, o “lavoro” (bordados) que é uma atividade que tranquiliza e acalma, tratou de desaparecer.

E essa mulher que ainda borda é uma espécie de anacrônica, na qual ela confessa se enquadrar, mais uma vez firmando seu ofício de jornalista dentre os outros papéis que exerce na vida diária: “tiro uma espécie de equilíbrio do uso alternado do jornalismo e do crochê, literatura e bordado à mão, política e cozinha” (QUEIROZ, 1994, p. 77) e assim põe em pé de igualdade as atividades domésticas ao fato de ser politicamente atualizada e exercer uma profissão. E a crô-

nica é de 1964!

A recusa de um hoteleiro em hospedar a cantora negra Elza Soares é motivo para expor o preconceito velado que há no Brasil e a contrapropaganda que o Brasil faz de si no exterior, de país da tolerância e do convívio harmônico entre as raças. Que tanto é tema de sua reflexão como as minas Icomi, no Amapá, são uma espécie de propaganda.

A crônica-propaganda da mina lembra os informes publicitários, pois após sapecar elogios aquela maravilha de organização, a mina tem cidade com todos os equipamentos e é autossustentável, não deixa de avisar ao leitor que foi a convite com passagem e hospedagem paga. Também contribui para a propaganda do Brasil ao brasileiro desvendando mitos: a região Norte é tão Brasil quanto São Paulo e a Bahia.

Rachel também fixa as suas crônicas como um observatório dos Estados Unidos, dos fatos, acontecimentos, dos costumes, de um tudo da vida norte-americana, é certo que enviou crônicas de Nova Iorque descrevendo a cidade, uma ode por sinal, encantada com o cosmopolitismo da cidade mundial, porque até lá andou como representante brasileira numa conferência das Nações Unidas sobre direitos humanos.

Mas seja em Nova Iorque, seja em Quixadá, seja no Rio de Janeiro, este olhar permanece aparecendo volta e meia na crônica. Há tantas menções que vão da corrida espacial, passa pela guerra fria, atenta para o racismo latente e a vocação imperial dos Estados Unidos, “a Roma do mundo moderno” (QUEIROZ, 1994, p. 97).

Nas crônicas, aqui e acolá, revela não só o que pensa da profissão, suas opiniões e considerações sobre determinados fatos que escolhe abordar, mas também pistas do seu *modus operandi*, aquele “indagar” aos farinheiros, as notícias do impresso, que ela lá descon-

fia que soam mentirosas. Isto porque há sempre o ideal do jornalista, sua visão do mundo, a forma que ele interpreta, diferente do rádio, que ela conta, passou dias lá no sertão mas não pensem porque andou sem seus jornais que ficou desatualizada, às seis da manhã já sintonizava o rádio para saber dos acontecimentos.

E se tudo era assunto para crônica, a moda do *nude look* foi o assunto em 26 de fevereiro de 1966, os estilistas colocando o corpo das mulheres à mostra e a cronista preocupada com o que seria da senhora idosa recata mostrando tudo que já é passado. Rachel se firma como termômetro crítico da sociedade, atuando como orientadora, conselheira, como se dissesse e aqui de forma humorada: olha lá, tudo tem limite. Apontando a sandice que aos olhos passam despercebidas da obviedade. Rir-se aqui dos modismos, e também não deixa de tratar das plásticas, desta mania do sempre jovem a qualquer custo.

Perfil, duas crônicas de Nova Iorque, uma delas a problemática, ela lê nos jornais, “pois agora os jornais estão falando de mais um problema: a grande quantidade de crianças, frutos de amores ocasionais entre moças vietnamitas e soldados americanos” (QUEIROZ, 1994, p. 140) e quando não um puxão de orelha na imprensa norte-americana, que assume um imperialismo desnecessário no tom das suas notícias.

A crônica de Rachel de Queiroz, assim, está sempre afinada ao momento vivido, seja político, cultural, social, econômico. E assim a cronista vai enfrentando as décadas de 1960 e 1970. A Rachel dos anos 1980 não é outra, prossegue com a sua visão crítica do cotidiano, a condição da idade: a televisão como objeto exclusivo de uso da propaganda; São Paulo cidade *mutatis mutandis*, as crianças de rua, a velhice e os velhos, os temas contemporâneos, a mulher, a pílula e a revolução sexual.

A condição da mulher, seus direitos e papel na sociedade, a maternidade, são os temas que registram posicionamentos da autora e que alçam a crônica para além do cenário do idílico, do transitório, dos temas amenos, crônica como retrato e reflexão do presente.

Rachel problematiza a liberdade da mulher e se põe de forma provocativa e questionadora, afinal, que liberdade é esta de produção independente quando beneficiário é o pai da criança que será eximido de suas responsabilidades? Criar o filho sozinha, sem ajuda do outro ser que o concebeu, por preferir a concepção independente é liberdade?

E assim argumenta que não pode haver posições absolutas neste debate homem-mulher. Consciente que entrar na arena do debate é estar suscetível à reação das feministas de plantão em taxarem-na reacionária e chata (palavras dela).

“As meninas”, crônica, é se não uma continuidade desta questão corrente. O retrato não poderia ser o mais social do comportamento de uma geração, e mais uma vez é o que ela anda ouvindo e indagando, conversando com as jovens, e que percebe ser um comportamento paradoxal: anseiam pela liberdade do sexo casual sem culpa e, no entanto, anseiam a paz da vida doméstica que encontram no casamento.

O lugar onde vive (se mudou da Ilha do Governador para um edifício de apartamentos no Leblon) também é objeto do seu olhar crônico: a praia e os seus frequentadores habituais, as mulatas às 5 horas da tarde, as “patéticas senhoras de maiô preto inteiriço” (QUEIROZ, 1976, p. 46), os velhos senhores de caminhada, os meninos gordos, os casais de namorados.

E assim expõe outra característica latente do ofício: a observação permanente que revela o olhar para o cotidiano no que está, também, além dos jornais e é parte da vida que a cronista vê diante

da janela, na rua. Quando foi deixar o poeta Manuel Bandeira na porta de casa para que tomasse um transporte e, não passando um táxi, tomou um ônibus, ouviu, ao despedir-se do poeta, a conversa de duas senhoras na parada: e não era aquele o poeta Bandeira?, disse uma; ao que a outra replicou: imagina, um poeta como Manuel Bandeira de ônibus, onde já se viu!

O que além do humor do fato lhe provoca a reflexão sobre a ostentação e o brilho que no mundo impera entre as notáveis celebridades de carro de luxo e mansão. Em suma, a vida é a pauta da cronista.

Referências

- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil**. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro/RJ: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquem e d'além mar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora UnB, 1996.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MORAES, Vinicius de. O exercício da crônica. In: MORAES, Vinicius de. **Para uma menina com uma flor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- QUEIROZ, Rachel de. **A donzela e a moura torta**. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1999.
- QUEIROZ, Rachel de. **Cadernos de Literatura Brasileira, nº 4**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

QUEIROZ, Rachel de. **Um alpendre, uma rede, um açude**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. **As meninas e outras crônicas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

QUEIROZ, Rachel de. **As terras ásperas**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

QUEIROZ, Rachel de. **O brasileiro perplexo: histórias e crônicas**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

QUEIROZ, Rachel de. **O caçador de tatu: 57 crônicas escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

QUEIROZ, Rachel de. **O homem e o tempo: 74 crônicas escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1995.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. **Rachel de Queiroz, jornalista**. In: Anais do Encontro Nordeste de História da Mídia, Maceió, 2016.

Enviado em 21/07/2017

Aceito em 21/12/2017

